

Lendas e Narrativas

J. Roberto Whitaker Penteado

Embora ande meio pessimista em relação aos conteúdos da imprensa em geral - e da brasileira em particular - devo admitir que a leitura regular do Globo me trouxe informações valiosas para reflexão exatamente sobre o que a imprensa nos fornece como informação e entretenimento.

Na página do Artur Xexéo na Revista (26.6) o assunto era uma discussão com os leitores sobre o seriado "Lost" - e como todos (inclusive ele) levavam a sério os eventos ali narrados. Xexéo historiava sua relação com a TV, desde os tempos em que - em preto e branco - acompanhava, nos EUA, as peripécias do "Papai sabe tudo".

Depois, foi a edição de domingo passado (7.8), que publicou a reportagem: "Loucos por CPI não saem da frente da TV", descrevendo como os depoimentos transmitidos ao vivo ganharam espectadores fiéis, que deixam de lado até o futebol e a novela.

A reflexão levou-me de volta a pesquisas que fiz, para a minha tese de doutorado "Os Filhos de Lobato" - sobre literatura infantil. Nela, inseri um capítulo sobre a gênese das lendas e narrativas: uma continuidade imemorial. Marie Louise von Franz, uma estudiosa do assunto, afirma que há contos de fadas que surgiram 25 mil anos antes de Cristo! O francês Pierre Levy explica que, durante os milênios em que a humanidade não possuía escrita, os membros das sociedades orais, usando apenas a memória, exploravam ao máximo os únicos instrumentos de registro de que dispunham: dramatização, personalização e artifícios narrativos. O mito serviu, portanto, de mensageiro de realidades dignas de registro, para a sua viagem temporal. Platão sugeria que os futuros cidadãos de sua república comessem a sua educação com a narração dos mitos, em vez de meros fatos ou ensinamentos racionais.

Vi-me, literal e nominalmente, diante da pergunta do nosso grande poeta: - E agora, José?

Se a lenda é assim tão antiga e importante, então as notícias é que são personagem recente, na História. De fato, no seu aspecto multiplicador, elas pertencem à infância da comunicação humana, com seus meros 500 anos...

Disse aqui: a mídia precisa ser interessante para a sua audiência, para ser comprada ou sintonizada por multidões. Esqueci de observar que, se ela não for, será ignorada. Parece evidente que os leitores de Xexéo que acompanham os seriados, assim como os muitos milhões de brasileiros que se perdem na sedução nas novelas - e "last but not least" - todos nós que nos divertimos ou indignamos com os lances cômico-dramáticos das CPIs estamos respondendo a estímulos tão profundos quanto atávicos.

Qual a lição? Mais uma vez é de que uma visão conspiratória pode agradar aos nossos preconceitos, mas não se constitui na razão suficiente, proposta pelo filósofo Leibnitz, como marco de identificação das verdades. A mídia não é culpada. Culpado é o sistema que não proporciona aos cidadãos um instrumental de referência crítica para interpretar as versões que recebe sobre os fatos - e os próprios fatos.

Este instrumento, como sabemos ou suspeitamos, é a educação. Cidadãos educados, expostos aos estímulos da mídia, divertem-se, criticam, apoiam ou rejeitam, mas - sobretudo - pensam; e conseguem distinguir com clareza o que é significativo e importante.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Lendas e Narrativas. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=240&ID=285>>. Acesso em: 21 ago. 2009.